

ESTRATÉGIAS — Sobre
o filosofar do filosofar

I. O «Daimon» da Filosofia

*«O Pensamento é uma qualidade própria da alma
que a si mesma se multiplica*»*

HERACLITO de Éfeso (séc. VI-V A.C.)

Mil crenças nos atravessam e sustentam, fazem parte dos referentes de estabilidade que nos permitem flutuar sobre a epiderme fluida do quotidiano. E este, na sua aparente objectividade, consente uma desmultiplicação de vertentes cujo índice de realidade nem sempre coincide com a imagem-padrão que nos é dada pelo «espírito do Tempo» (*)♦ Essa imagem é uma arquitectura sintética na qual se misturam lugares-comuns, teorias, mundividências, signos, aspirações, complexo e caótico tecido de que são feitas as civilizações. Perante ela sistematicamente nos posicionamos, por

(*) Esta expressão é a transcrição literal do título dum livro de Edgar Morin, onde se faz uma análise do ponto de vista socio-antropológico dos diferentes registos que determinam os comportamentos numa sociedade industrial avançada onde, sob uma forma disseminada, coexistem «discursos normativos» que actuam como «estabilizadores pedagógicos» numa cultura de massas. (Edgar Morin, *VEsprit du Temps*, Grasset, Paris, 1962).

ela nos medimos, a ela tacitamente regressamos sempre que pres-
sentimos a suspeita de excessivos *desvios* ⁽²⁾,

Trata-se, portanto, de pensar *esta relação*, este vai-vem de aproximações e distanciamentos, esta dimensão dúplice e plural de instituir o filosofar e a filosofia. Porque a verdade é que a Filosofia se ergue na deslocação face ao *que é dado*, tecendo compassos de espera por onde irrompe a incerteza, o esfacelamento da convicções tácitas, a surpreendente fragilidade das coisas e das ideias.

Por fim restam as *Palavras* ⁽³⁾, essas vozes que nos habitam desde os arcanos da História, derradeira fronteira para lá da qual se estende a insondável paisagem onde cresce um silêncio e uma solidão aquém de toda a esperança. Por isso a Filosofia tem também uma vocação nómada, impondo à Razão uma estratégia singularmente análoga à dum caçador-recolector implantado num biótopo favorável. Isto é, pretende-se um pensamento que construa «armadilhas», desenhe instrumentos metódicos susceptíveis de aprisionar pela via da surpresa e da imprevisibilidade as ideias que vão germinando sob o manto sombrio duma *informação* incontrollável e incontrolada ⁽⁴⁾.

Mais fácil de dizer do que praticar, tal estratégia! Pois os riscos são directamente proporcionais às eventuais vantagens e é

⁽²⁾ A noção de «desvio» só faz sentido relativamente a uma *média de atitudes e comportamentos* que, objectivamente, funciona como padrão. O seu papel não é meramente restritivo da individualidade criativa, uma vez que serve de porto de abrigo que permite manter os laços de coesão social de que todo o pensamento carece. O problema reside no *distanciamento estratégico* nas relações indivíduo-grupo, na escolha do posicionamento preferencial que estimule o espírito crítico sem cair na «marginalidade» forçada!

⁽³⁾ Isto é, o filosofar confronta-se sempre, em última estância, com os limiares da linguagem. Arte de falar e de dizer, o seu espaço constitui-se também do ponto de vista linguístico como «problema», designadamente quando se encaminha para áreas em que a *aparição do facto filosófico* implica a necessidade dum poder «expressivo» doseadamente controlado.

⁽⁴⁾ Se a *informação incontrolada* — no sentido de instituir um campo de dados que nenhum «Sujeito» apropria — levanta um *problema de escolha* que pode levar a um bloqueio na prática da inovação, também é verdade que ela permite uma quase ilimitada liberdade de reflectir sobre os mil rostos da Natureza. Uma vez mais, a questão reside na *escolha* e no «timing»!

perigosamente dúplice a convicção que circunscreve este jogo a um *exercício de razão*, espécie de devaneio lógico que se interrompe quando se quer» O espírito crítico implícito ao filosofar e à filosofia é limitadamente livre, se tiver como objectivo último manter-se enquanto tal, pois só sobrevive num *Corpo com história pessoal* ⁽⁵⁾, isto é, num terreno frágil, caprichoso, mutante, imprevisível.

Ignorar a implantação antropológica das ideias é, a prazo, abrir a porta à devastação irreparável dos Homens. A História próxima e distante aí está como testemunho. À Filosofia cabe, portanto, equilibrar com margem de segurança aceitável um *campo de observação* onde subsista uma *paixão de conhecer* cujas determinações antropológicas não bloqueiem a dimensão ética ⁽⁶⁾.

Sugere-se aqui uma *plataforma de posicionamento* para a reflexão, um «local mental», uma atitude que por si só já não é um acto natural, mas antes o resultado duma aprendizagem que levou a escolher *como melhor* esse espaço de observação que sustenta uma permanência viável na Filosofia. Tal postura está nos antípodas da racionalidade frenética que ignora uma temporalidade feita de compassos de espera, desvios, bifurcações, rosário de fraquezas que acompanha a condição humana ⁽⁷⁾. A História é

⁽⁵⁾ Naturalmente, todos os «corpos» têm uma história pessoal e irreduzível. O problema reside na sua «equivalência» com corpos análogos e no que se *ganha e perde* com tal substituição. À medida que que caminhamos no sentido evolutivo da hominização e da complexidade cerebralizada, crescemos em autonomia e diferenciação de tal forma que, no plano da condição humana, se atinge a radicalidade duma *irreduzível diferença* erguida sobre uma matriz genética comum* O que acontece é que a *consciência desta irreduzibilidade* tem gradações que dependem de circunstâncias aleatórias (espírito crítico, formação cultural, sensibilidade, etc).

⁽⁶⁾ Trata-se, em última estância, das relações entre o Conhecimento e a Acção. Consequentemente, duma hierarquia de valores que está para além duma *determinação científica* e que concretiza um estado de liberdade. Conhece-se mais para viver *melhor*, e não o contrário. E, mesmo que a questão se inverta, continua a tratar-se duma ordenação axiológica que implica, obviamente, outros posicionamentos éticos.

⁽⁷⁾ A relação com o Tempo é o *núcleo duro* da matriz cultural judaico-cristã e atinge, com a revolução industrial, um manifesto estatuto económico. O mito de Cronos, a paixão pelos calendários e as terríveis disputas em sua volta, a tirania dos relógios que marcam o tempo «público» com noticiários, sinais horários, campanhas, sirenes, são alguns dos heterónimos desta anti-

avessa a toda a megalomania e se, por momentos, parece sugerir o deslumbramento da conquista fácil, o triunfo ao virar da esquina, é para mais silenciosamente ir cavando o «sítio-nenhum» onde serão crucificados todos os Césares!!

Mas não tenhamos excessivas ilusões, A racionalidade que o desejo de filosofar comporta, o discurso que nos faz ir *pata além* do banal, abandonando o porto de abrigo das crenças que sustentam o quotidiano, transporta também os riscos duma certa aspiração «blasé» em ser diferente, desviante, na possibilidade que abre de contemplar o comum dos mortais, aqueles que ficaram do «lado de lá», com olhar oblíquo e distante. Por momentos, o acto de filosofar é indissociável da arrogância e do cinismo, A Razão, abandonada a *si* mesma, cria a ilusão dum ilimitado poder, espaço de vertigem em que o primeiro sintoma de derrota é feito do voluntarismo dos triunfos anunciados! O pior e o mais triste é o papel que em tudo isto ocupa a *sensação de Liberdade*.

Herdada da melhor tradição filosófica oitocentista, filtrada pelo liberalismo, correndo desventuras sem fim ao longo deste século, sedimentada em textos constitucionais e códigos jurídicos, a liberdade é para o pensamento em geral e para a Filosofia em particular um insubstituível «sal da terra»,

O poder de tudo questionar, de abandonar crenças e convicções, converge para um certo estado de *imponderabilidade* do pensamento que dá a ideia de se ter escapado à complexa teia de dependências, hesitações e fraquezas inerentes à condição humana. Mas há um momento em que a vertigem aparece, espécie de «hora do lobo» em que a razão reencontra o Corpo (⁸), a prisão

quíssima obsessão. Bem contrastante, aliás, com o discurso dum chefe duma comunidade dos mares do sul, após uma visita à Europa,

«(...) A meu ver, é precisamente por o Papalagui tentar reter o tempo com as mãos, que ele se lhe escapa por entre os dedos, como uma serpente por mão molhada. O Papalagui nunca deixa que ele venha ao seu encontro. Corre sempre atrás dele de braços estendidos, não lhe concede o repouso necessário, não o deixa apanhar um pouco de sol. (...) O Papalagui não se apercebeu ainda do que o tempo é, não o compreendeu. (...)». (Erich Scherurmann, «O Papalagui», *Discursos de Tuiavii, chefe de tribo de Tiavia nos mares do Sul*, tradução do francês por Luiza Neto Jorge, Antígona, Lisboa, 19812, p. 68).

(⁸) «(...) E todo o problema do mundo de hoje está aí. Regresso a mim, ao meu corpo distinto e classificável onde todo o milagre aconteceu. E per-

donde só imaginariamente se evadiu. É aqui que a ideia de Liberdade readquire o *estatuto de sensação*, isto é, de estado precário, evanescente, provisório.

Eis o crepúsculo do Filosofar, o regresso ao reino das sombras do lugar-comum, dos ritmos e repetições que balizam o quotidiano ⁽⁹⁾, à apagada e vil *tristeza* que nos sugere que é tempo de retomar a mediania dos dias, espaço desprovido de *estesia* da Razão-sonâmbula! Altura do triunfo das imagens-feitas, horas esvaziadas em que flutuamos à superfície das experiências que nos atravessam, em que as coisas se resumem àquilo que *parecem*, explícitas, transparentes, nítidas.

Esta espécie de *sono do pensamento* é a vertente anti-heróica da Filosofia, o reconhecimento da sua estrutura efectivamente limitada pelas infindas raízes que nos prendem à História e ao «instante». Resta esperar pelo próximo momento acolhedor, pelo despertar do desejo vindo dos arcanos do Tempo ou do mais íntimo de nós, aquela reverberação do real, imperceptível, fluida, que sinaliza a hora de novamente partir. Momento imprevisível em que as evidências de ontem desvelam *a opacidade de sempre* e tudo se torna estranho, irreal, insustentável, precário, no limiar do «milagre». Os laços de cumplicidade com o mundo quebram-se de novo, o «daimon» da Filosofia desperta e a viagem em direcção ao desencanto recomeça!

Esta é a infindável dialéctica do Pensamento, vai-vem entre universos contíguos, verdadeiros mundos paralelos que somos forçados a habitar enquanto não abandonamos a ilimitada *paixão de*

gunto-me, suspenso, como foi possível, como é que uma breve semente abriu assim até essa Voz, até ao silêncio donde essa Voz falou. (...) Lume breve na minha intimidade, na brevidade de um pequeno ser, eu, anónimo e avulso, ocasional e frágil — eu. E todavia, esse lume vibra de vigor, brilha único e intenso contra o assalto da noite. (...). (Vergílio Ferreira, «*Invocação ao meu Corpo*», Bertrand, Lisboa, 1[^]78, p. 15).

⁽⁹⁾ A *consciência da vida quotidiana* é um fenómeno histórico moderno, enquanto efeito de distanciamento que favorece ou impede a concretização de determinados objectivos. Está também ligada à «popularização» da História, ao avanço dos «mass-média», ao prazer de conhecer outras culturas e outros povos. O ciclo quotidiano numa sociedade industrial continua a ser motivo de reflexão e é um campo transdisciplinar que atravessa as Ciências Humanas.

pensar. Paixão que não é feita exclusivamente de *vontade* ⁽¹⁰⁾, pois que obedece a ritmos imprevisíveis que atravessam *certas vidas* e não outras e, às vezes com certa crueldade, as gasta até à saciedade, abandonando-as a troco de nada! A tudo isto, tranquilamente e como se nada fosse, chamam os dicionários «vocação»...

Trata-se portanto de elaborar uma estratégia de filosofar ou, melhor ainda, *uma atitude* que enquadre no limiar do razoável uma Razão que provisoriamente quebra as amarras que nos pacificam corpo e alma e obstinadamente se encaminha para as regiões do *ainda~por-dizer* ("), onde as próprias palavras começam a falhar e tudo tem de ser inventado. Por isso, o texto filosófico se cruza com a Literatura, ganhando *poderes expressivos*, substituindo quando tudo *parece indizível*, a construção de conceitos pela fabril cação dum *clima*. Entenda-se, numa atmosfera «pré-reflexiva» que possibilite ao interlocutor imaginário que todo o texto visa, a réstea de cumplicidade que convém à Filosofia.

Porque não se trata exclusivamente de *demonstrar*, partindo dum acordo quanto aos pressupostos que uma estrutura metódica inflexível e transsubjectiva impõe. Mas antes de construir um pensamento *para além do método*, região onde os factos e as ideias são mutantes, imensa rede sobre o vazio que o filosofar vai tecendo. Então, a ideia anterior impõe a seguinte e, provisoriamente, *fixa~a melhor* numa constelação conceptual que vai crescendo organicamente, abandonando o centro primitivo, o ponto de partida ocasional que encobre o «perpetuum mobile» do pensamento. Um passo dá sentido ao seguinte, uma «variação» abre-se sobre outra

(10) Nenhuma paixão o é! O factor enigmático que a paixão envolve sobredetermina o conjunto dos parâmetros pessoais com vista a um «fim» que se impõe como indiscutível*. Porém, a «paixão de pensar» pode ser *culturalizada*, isto é, valorizada pelas matrizes culturais que suportam o indivíduo, de tal forma que contribuem para a implantação afectiva dum objectivo artificial e importado do exterior. Tal pode acontecer com a paixão de filosofar, nomeadamente quando *todos esperam* que o façamos, mas a *vontade* que nos move não é suficiente para concretizar esse fim. O que significa reassumir a *ambiguidade da paixão* ...

■^{C11}) São as zonas de confluência com os «limites de nós», a tentativa de apropriação-criação numa paisagem nas fronteiras da *estesia*. Aqui, os discursos mundanos empobrecem, não porque não haja *de que falar*, mas porque *não se sabe como dizer*. Há, por conseguinte, um terreno indefinido que só uma Linguagem no limiar da Arte é susceptível de revelar. Tal região não pode ser indiferente para a Filosofia.

«variação» e a Filosofia vai soprando a bola de cristal onde, deformado mas nítido, o seu rosto se reflecte. Então, como um deus feito à pressa, quando o universo do pensamento se sente terminado, o «daimon» da Filosofia julga que é tempo de repousar e, abandonando as ideias à sua sorte, saciado, repousa!

É sobre estes movimentos confusos, no limiar do imprevisível, sobre estas *envolvências* antropológicas da atitude filosófica, que por um instante o filosofar se pode deter. *Filosofar do filosofar*, por conseguinte. Terreno movediço onde se cruzam ideias com pressentimentos, factos com sensações, discursos híbridos, fragmentários. Não é duma *demonstração* que se trata aqui, mas tão só do desejo de acompanhar pela via do pensamento a aparição do seu antiquíssimo heterónimo ⁽¹²⁾, E também de procurar a *postura interior* mais favorável à duração intermitente da simbiose entre a transtemporalidade da Filosofia e um *Corpo* que atravessa aos tropeções o «som e a fúria» dos anos que passam,

II, Pensar, Flutuar

«Pretendem alguns Papataguis que nunca têm tempo. Correm desvairados de um lado para o outro como se estivessem possuídos pelo aitu (diabo) e causam terror e desgraça onde quer que cheguem, só porque perderam o seu tempo. Este estado de frenesim e demência é uma coisa terrível, uma doença que nenhum homem de medicina pode curar doenças que atinge muitos homem de imedicina pode curar doença que atinge muitos homens e que os leva à desgraça.»

TULAVH, «Discursos» (In «O Papalagui») É a tentação

mais óbvia. Porque estar na Filosofia pode ser

⁽¹²⁾ Tendo em atenção que a contemporaneidade valoriza certas manifestações do «pensamento» em desfavor de outras que considera arcaicas ou duvidosamente úteis, cabe lembrar que a atitude filosófica é precedida por um filosofar espontâneo, que corresponde à primeira consequência dum sujeito que se distancia da Natureza por um acto de solidão e espanto, quando encontra a mortalidade. O fenómeno cultural que define a «humanidade» do «Sapiens--Neendertal», mais que a produção de instrumentos, é a construção de túmulos. Isto é, do resultado *monumental* dum pensamento que se interroga.

habitá-la ■ como um simulacro, reduzido a um «métier» ⁽¹³⁾, a uma série de técnicas que esforçadamente se enumeram, mas que têm um valor meramente normativo, um pouco como aquelas plantas de cidades dos antípodas que se guardam algures na penumbra das prateleiras e que jamais visitaremos.

Trata-se de olhar *de fora* uma certa manifestação do pensamento, institucionalizada por uma história «monumental» que os tratados de Filosofia *conservam* e considerar, dentro dum *Tempo banalizado*, as aventuras e desventuras de espíritos inquietos que gastaram a vida produzindo livros, batendo-se com inexplicável persistência por uma certa constelação de ideias, uma determinada visão do mundo. Perante essa paisagem mental posicionar-se com esforço, quase com fastio, na ânsia de esgotar as horas gastas por um imperativo profissional, regressando à «normalidade», ao mundo real que se inscreve no ruído do quotidiano, à indizível sensação dum *certo alívio* quando se faz recolher às catacumbas uma plêiade de questões de duvidosa utilidade e incerto destino! ⁽¹⁴⁾.

Digamos, que se trata dum Pensamento sem *vontade de pensar*, para quem as ideias que se têm são, em princípio, *as melhores ideias* e o filosofar é um espaço de desconforto que se deve assumir com precauções análogas às duma doença infecto-contagiosa. Isto é, visita-se o «doente» para lhe dar um arremedo de conforto, mas sem nunca se aproximar em excesso da fonte do vírus, não vá o mal pegar-se...

Esta é a «atitude filosófica» perversa, a institucionalização do reino da aparência no teatro do filosofar, o pensamento-comédia que se leva a sério por obrigação e a horas certas. Regressão a

⁽¹³⁾ Na verdade, a Filosofia como actividade reconhecida socialmente exige, em parte, a cobertura institucional duma escola que lhe confira dignidade pública. Assim, a Filosofia é um «curso» como qualquer outro (?) e os seus profissionais, em regra, constituem-se como professores de Filosofia. Daqui necessariamente não deriva que um curso de Filosofia *produza filósofos*, tal como uma licenciatura em Medicina ou Engenharia fornece médicos e engenheiros!

⁽¹⁴⁾ Por estranho que pareça, não são raros os «profissionais» de Filosofia que contribuem para uma postura de auto-desvalorização de si mesmos, ao assumirem como «boas» as hierarquias de *ciências de 1.ª ordem* e *ciências de 2.ª ordem* que uma sociedade tecnológica naturalmente faz circular. Porque a verdade dominante é esta: quando se está doente, chama-se um médico. Quando se está a morrer, chama-se um padre! Quando se chama um filósofo?!...

um estado indiferenciado, menos sério que a imprevisibilidade do filosofar espontâneo que nasce e morre ao sabor da conjuntura porque este, ao menos, irrompe na autêntica brecha de «non-sens»⁽¹⁵⁾ que uma vida humana por vezes comporta e, enquanto dura, ergue um *estado de autenticidade* que é a verdadeira antecâmara da Filosofia,

Naturalmente, escolher a estratégia do distanciamento face ao conteúdo problemático do questionar filosófico e assumir, no sentido mais mesquinho, o papel de burocrata do Pensamento, tem as suas compensações, pelo menos aparentemente. Por um lado, esconjura o espaço de conflito interior que o filosofar sistemático comporta e permite um reajustamento óptimo ao teatro de crenças, estímulos e pressupostos que balizam o quotidiano confortável. Por outro, consente um clima de auto-satisfação pelo bom cumprimento das regras duma aparente deontologia profissional, capaz de prolongar até ao momento da reforma a convicção dum *dever cumprido*. Digamos que esta plataforma de posicionamento para a Filosofia corresponde a um verdadeiro «seguro de vida». Parafraseando Pangloss, tudo vai bem no melhor dos mundos possíveis!⁽¹⁶⁾,

(15) O filosofar espontâneo está quase sempre associado aos traumatismos do quotidiano, isto é, às «rupturas» da normalidade. E como as coisas boas são, em regra, tidas como merecidas ou pouco valorizadas, é pela catástrofe que o filosofar se instaura! Assim, o sofrimento e a morte são a ocasião de interiorizar as «grandes perguntas». Infelizmente, as respostas é que já não são tão sedutoras, como se prova pelo estafado lugar-comum, «Ai! Na verdade, não somos ninguém...».

(16) «(...) O preceptor Pangloss era o oráculo da casa e o pequeno Cândido escutava-lhe as lições com toda a boa-fé da sua idade e do seu carácter.

Pangloss ensinava a metafísico-cosmolólogo-nigologia. Provava admiravelmente que não há efeito sem causa e que, neste melhor dos mundos possíveis, o castelo do Sr. Barão era o mais belo dos castelos e a Sr.^a Baronesa a melhor das baronesas possíveis.

'Está demonstrado', dizia ele, que as coisas não podem ser de outra maneira: porque, tendo tudo sido feito para um fim, necessariamente o foi para o melhor dos fins. Reparaí bem que os narizes foram feitos para trazer óculos; por isso nós os usamos. (...) E como os porcos foram feitos para serem comidos, assim nós comemos carne de porco todo o ano. Por conseguinte, os que afirmaram que tudo está bem disseram apenas uma asneira, porque deveriam ter dito antes que tudo está o melhor possível'. (...). (VOLTAIRE, «Cândido», tradução do francês por Maria Isabel Gonçalves Tomás, Europa-América, Lisboa, sem data, p. 12/ilS).

Eis a Razão-prisioneira do «momento», manietada de pés e mãos a um Corpo implantado numa história circunstancial e cujo objectivo terminal é a manutenção dum estado de satisfação feito da complacência que se esconde por trás do «espírito do Tempo»♦ As grandes perguntas da Filosofia e do filosofar habitam um campo mental psicologicamente doce, enquadradas que estão por um sentido da vida proveniente dum contexto tido como apto a apaziguar as sombras inquietantes que outros, que não nós, se comprazem em desvelar,

A *sintonia* assim realizada entre uma certa racionalidade e as formas gerais de pensar e sentir contribui para a institucionalização dum *espaço coerente* ⁽¹⁷⁾ em matéria de atitudes, crenças e hierarquias de valores, assim unificadas e validadas por um consenso entre diferentes Sujeitos que flutuam sobre um universo de cumplicidades. Tudo conspira para uma modalidades preferencial de Conhecimentos em que a *sensação* das certezas presentes e futuras instaura uma espécie de evolucionismo à escala dos nossos desejos, onde o Futuro assume um rosto similar ao daquelas alegorias que povoam alguma pintura dos finais do séc. XIX em que a «Humanidade» caminhava em direcção a uma «luz» paradisíaca, de aroma maçónico, serpenteando ao longo da composição plástica em indescritível sucessão, desde as brumas trogloditas aos inventores do telégrafo! Por outras palavras, ainda hoje a Razão-satisfeita não desdenharia subscrever a famosa «equação metafísica de Jacinto» — «suma ciência (X) suma potência = suma Felicidade»! ⁽¹⁸⁾.

⁽¹⁷⁾ Trata-se dum «espaço coerente» em termos culturais e axiológicos em que a esfera do «privado» e do «público» estão razoavelmente ajustadas, assim permitindo a sensação dum *pensamento maioritário* que faz coincidir o universo dos nossos problemas e aspirações com a «média» da paisagem social envolvente.

⁽¹⁸⁾ Digamos que é ainda corrente uma certa ideologia neo-positivista em inúmeros sectores das práticas e discursos que têm aceitação e que depositam na Ciência e Tecnologia uma fé redentorista que os seus mais lídimos representantes já não subscrevem. Há um século atrás, através da figura de Jacinto, Eça de Queiroz retratava uma dimensão significativa desta atitude, apesar do desenvolvimento psicológico do personagem de «A Cidade e as Serras» se dirigir à refutação desses valores. (EÇA DE QUEIROZ, «A Cidade e as Serras», Livros do Brasil, Lisboa, sem data, p. 17).

Trata-se, portanto, de flutuar. Ao sabor de marés que se ignoram, escolhendo um posicionamento maioritário naquilo que se pensa e diz porque tal se revela como mais seguro, afastando esses espaços estranhos dum pensamento «confuso» que persiste em perguntar «porquê», em abrir fendas na nitidez das convicções, em apostar no desconforto e numa inquietação sem compensação visível. Recusar a *opção desviante* ⁽¹⁹⁾ ou simplesmente encará-la como um epígono da história das aberrações humanas, parece reforçar uma certa ideia de estabilidade mental, do espírito de coesão entre o «eu» e os «outros» que não é psicologicamente de desprezar. São, portanto, bem sedutoras estas vozes que sugerem uma espécie de *filosofar Aeve*, em dose moderada e manifestamente ocupando o meio da tabela das prioridades quotidianas. Mas também, com tanta prudência, o pensamento cai numa modorra suspeita. Engrorda, adormece e sonha com chocolates. Não, por aqui não vamos longe.

III. Pensar* Deslocar

«Uinstant où nous croyons avoir tout compris nous prôte tapparence d'un assassin.»

E. M. CLORAN, «Syllogismes de ramertume»

Na inventariação sumária das estratégias de pensar que este texto quer sinalizar, trata-se agora de perspectivar uma outra modalidade. Nos antípodas da anterior, o que a move é uma paixão. Uma aspiração híbrida de Sonho e Poder, um desejo faustico de transfiguração.

⁽¹⁹⁾ A «opção desviante» concretiza um relacionamento paradoxal entre o indivíduo e o grupo e aparece inscrita como dimensão fundamental nas espécies mais cerebralizadas, designadamente nos primatas; superiores. A curiosidade e o espírito de aventura são responsáveis pela introdução de inovações no património cultural da comunidade, apesar de serem vítimas duma «quarentena» que representa a afirmação social da «regra dominante». (EDGAR MORIN, «O Paradigma perdido. A Natureza humana», tradução do francês por Hermano Neves, Europa-América, Lisboa, 1975, p. 32/90).

Fenómeno historicamente pouco frequente, tanto irrompe em conjunturas conturbadas, as chamadas épocas de crise, como ocorre em situações de estabilidade colectiva, naqueles tempos em que os equilíbrios sociais parecem ser eficientemente balizados por uma hierarquia de valores e comportamentos que perspectiva o Futuro como «repetição» previsível do Presente.

Subitamente, sem que uma abordagem sociológica do «comportamento desviante» dê explicações satisfatórias, um ou outro «espírito» surge com o fulgor duma «super-nova», desenhando no firmamento cultural uma diáspora de efeitos espectaculares que deixa atónitos os seus contemporâneos e cujo verdadeiro impacto pode ser diferido no Tempo duma forma imprevisível. É ainda duma *consequência do filosofar* que aqui se fala. Só que os pressupostos e as consequências da atitude filosófica agora em questão são bem diferentes»

As perguntas eternas não se satisfazem com a panóplia de respostas pré-fabricadas, o pensamento «voa» de interrogação em interrogação, movido por uma paixão incontrolável de *questionar* e a esfera vital dos comportamentos quotidianos em breve será sobredeterminada por esse centro gravitacional que vai mobilizando os meios que o potenciam. A atitude mental subjacente a esta *Razão-expansiva* em breve institui espaços de conflitualidade com as ideias e os homens que habitam o Tempo banalizado e que parecem persistir *em não ver* os transfinitos mundos vislumbrados por essa Razão-heterodoxa. É o momento da *separação*.

O sujeito individualizado que descobre (é descoberto?!) por tal «daimon», sente-se possuidor dum destino, duma trajectória existencial a que não pode dizer não. Uma enorme barreira de sombra desdobra-se entre o «eu» e o «mundo», inaugurando o local intercalar onde a crisálida vai tecendo o bastidor duma metamorfose.

Por momentos, uma «estrada real» parece nítida no horizonte e o sentimento de solidão, de distanciamento face a todos aqueles que ficaram no *exterior*, faz redobrar as forças na vertigem da descoberta, na dimensão quase heróica dum esforço para o qual se não encontram cumplicidades. O sentimento de *distância* face ao mundo pode degenerar num solipsismo crescente, numa quebra de relações que se encaminha para uma progressiva coesão entre o *Autor* e a *Obra*. Quanto mais o abismo se cava, mais a urgência da «tarefa» se afirma como inadiável»

A hierarquia de valores recondiciona-se em função dum objectivo prioritário ⁽²⁰⁾, instaurando um fosso entre o «valor supremo» e todos os outros, configurando uma vertente maniqueísta em que tudo se torna claro, as escolhas fáceis, as hesitações poucas no vórtice da Razão. Uma certa dimensão *profética* por vezes vem à tona, dando uma tonalidade escatológica à «missão» que há a cumprir. Subitamente, uma verdade impõe-se como prioritária, obsessiva, urgente. O desejo de comunicar intensifica-se na necessidade do *reencontro* que é o sinal por excelência do «humano», isto é, a procura de interlocutores.

Se, por acasos imprevisíveis da conjuntura histórica, esta «verdade» encontra uma audiência, estão criadas as condições para a emergência duma «seita» de iluminados que, se vierem a controlar as alavancas do Poder, não raro abrem as portas a infundáveis sofrimentos, sempre justificados na óptica dos «educadores» pela *dor necessária* que anuncia todos os renascimentos. É o momento da simbiose entre o indivíduo e um grupo, indefinida fronteira que atravessa o terreno do filosofar e enigmaticamente se expande para o campo ambíguo das ideologias e religiões fanatizadas! ⁽²¹⁾.

O princípio de «deslocação» radical subjacente a esta estratégia de pensamento pode também derivar num *sentimento de impotência* perante o mundo alucinante de perguntas sem fim que a atitude filosófica desencadeia. Neste caso, não tardarão a manifestar-se as consequências psicológicas deste nó górdio, uma vez que se instaura um conflito irresolúvel entre a inelutabilidade das perguntas, a *visão intuitiva dum caminho adivinhado*, e os meios existenciais disponíveis para levar esse objectivo a bom termo.

⁽²⁰⁾ Uma hierarquia de valores tem sempre um «valor supremo» que pode concretizar ou não a dimensão de «valor absoluto». O que aqui se pretende significar reporta-se à perda da flexibilidade da hierarquia que tende para um «monismo» axiológico que condicionará impiedosamente os restantes valores, garantindo ao sujeito uma *evidência de justeza* nas acções a empreender, por mais dúvidas que psicologicamente lhe possam levantar.

⁽²¹⁾ São estas dimensões as que mais usualmente concretizam o ponto terminal dum filosofar sistemático e que, por conseguinte, conseguem um significativo impacto histórico. Delas pode nascer uma ética indiscutível, tanto por motivos «científicos» como por motivos religiosos. Neste segundo caso, existe uma situação híbrida entre a Razão e a Fé, em que esta pode ser progressivamente *petrificada* por influência duma tecitura de raciocínios sustentados numa ordem transcendente.

Trata-se dum impasse, dum bloqueio entre duas pulsões contraditórias, dum desajustamento entre meios e fins. Aqui, é a sobrevivência duma personalidade estruturada que fica em questão, pois não sendo possível negar a hierarquia de valores que se assumiu como preferencial, o *sujeito tem* como destino provável o esfacelamento dos seus equilíbrios mínimos *por entre* as «placas móveis» ⁽²²⁾ onde residem, com descontrolada «equipotência», objectivos contraditórios...

Este conjunto de comportamentos tanto pode potenciar os pontos de vista dominantes que circulam no «espírito do Tempo», como estar frontalmente em conflito com eles. Digamos somente que, no primeiro caso, a personalidade em questão é objectivamente amparada pelas estruturas sociais que a envolvem, sem que isso implique que ela deixe de ser «desviante», enquanto que na segunda hipótese, a dimensão «marginal» tende a acentuar os mecanismos de *auto^convicção* que compensam o isolamento face ao tecido social. Porém, há um traço comum em todas estas variações, designadamente naquilo que se reporta à questão do *sentido da acção*.

De facto, uma vez instalado o objectivo terminal para que aponta um filosofar sistemático e dada a simbiose entre esse objectivo e o topo da hierarquia axiológica (o objectivo é o valor supremo), o problema do «sentido da vida», dos «porquês do existir», está resolvido pelo próprio espírito de missão que sobre-determina esta estratégia de Pensar. Digamos mais, nesta ordem de ideias vislumbra-se uma singular analogia entre o «*Pensar^'flutuar*» e o «*Pensar^destocar*», pois apesar de ocuparem planos radicalmente distintos em quase tudo, ambos coexistem no terreno onde o «*sentido*» *se instaura* e, em última estância, a existência se justifica!

Naturalmente, esta é praticamente a única intersecção entre estas estratégias divergentes, pois quanto ao resto nada ou quase nada as identifica. Desde o estilo aos comportamentos, desde a produtividade intelectual à originalidade duma trajectória vital, tudo conspira para fraccionar estes universos mentais. Encontram-se na *encruzilhada do «Sentido»*. Nada mais.

⁽²²⁾ Entendam-se estas «placas móveis» no sentido freudiano da metáfora, isto é, as compressões incidentes sobre o «Eu» através de conflitos entre o «Super-Ego» e o «Id».

De resto, os sistemas de auto-convicção construídos por um pensamento *desviante* têm o poder de impor objectivos no domínio do «agir» que instituem complexos circuitos entre a dimensão ética e a gnosiológica, susceptíveis de potenciar vertentes contraditórias duma racionalidade ambígua. Isto é, a construção mental pacientemente erguida por uma personalidade para quem a obra e o destino se confundem, tanto pode levar a Razão ao limite de si mesma, como anulá-la em favor do seu «contrário».

No 1.º caso, está aberto o caminho para a dimensão utópica, para a evidência dos paraísos perdidos duma *cidade ideal* ⁽²³⁾, onde o planeamento científico corrigirá a ferro e fogo as imperfeições aleatórias da condição humana. É a vertigem duma Razão plenamente fechada *sobre si*. No 2.º caso, abre-se a hipótese da construção dum estado *pós-racionalista* do pensamento, que tanto pode assumir um estatuto inofensivo, como desencadear os parâmetros dementes, porque voluntariamente incontroláveis, dum «cérebro gigantesco» ⁽²⁴⁾ que está ainda na pré-história da Consciência-de-si!

Eis o espaço onde germina uma *metafísica do Terror*, na confluência duma vertente anárquica cujos limites últimos não afastam

⁽²³⁾ A construção de «cidades ideais» é a vertente mais nítida da História das Utopias que atravessa a cultura ocidental. Da «*Cidade das Leis*» de Platão à «Fundação» de I. Azimov, uma paciente rede de normas estende-se no sentido de «racionalizar» o quotidiano dos Homens em torno dum arquétipo de perfeição que pretende justificar toda a violência purificadora. (GILLES LAPOUGE, «*Utopie et civilisations*», Flammarion, Paris, 19178; JEAN SERVIER, «*Histoire et Utopie*», Gallimard, Paris, 1967).

⁽²⁴⁾ Entenda-se esta expressão quer no sentido literal, quer no metafórico. O cérebro humano, apoiado numa «rede fina» de conexões cujo alcance global ainda se ignora, é uma estrutura de enorme complexidade desde o ponto de vista biológico até à dimensão multi-organizacional que o institui. O que nele parece específico do «Homo Sapiens-Sapiens» é a zona do neo-cortex que, todavia, se integra duma forma enigmática com estratos mais arcaicos como são os da camada reptiliana e do sistema límbico. (Cf. EDGAR MORIN; MASSIMO PIATTELLI-PALMIARINI, «*L'Unité de l'Homme. 2 Le cerveau Humain*», Seuil, Paris, 1979; HENRI LABORIT, «*UHomme et la ville*», Flammarion, Paris, 1977; CARL SAGAN, «*The Dragons of Eden*», Hodder and Stoughton, Suffolk, 1977).

a ambiguidade que por vezes se estabelece entre o martírio duma autodestruição exemplar e o crime purificador ⁽²⁵⁾.

Com uma violência próxima das forças elementares da natureza, quebrados os laços, *todos os laços*, que a prendem à circunstância e ao «instante», a Razão transforma-se numa máquina de guerra, ser puramente lógico, máscara hedionda para além de todo o limite. Não mais diálogo, hipótese de entendimento, consenso viável.

No teatro do pensamento ou, pior ainda, no terreno da História já só há lugar para carrascos e vítimas. Uma noite imensa, então, desce sobre a Terra.

IV* Pensar. Ampliar

«DIÓNISOS: *Podeis acaso dizer-nos onde fica a morada \de Ptutão? \Somos ^estrangeiros, acabados de chegar.*

CORO: *Não terás de ir mais longe, nem de interrogar-me de novo. Sabe que és chegado à sua própria porta,».*

ARISTÓFANES, «As Rãs»

Até agora estiveram em questão duas vertentes estratégicas de posicionamento da reflexão que sugeriram cenários singular-

(25) Um dos pensadores que mais intensamente reflectiu sobre esta dimensão foi Albert Camus. As relações entre a Justiça, o crime, a inocência e a culpa, atravessam a sua obra, desde o teatro («Les Justes») ao ensaio. «(...) Il y a des crimes de passion et des crimes de logique. Le Code Penal les distingue, assez commodément, par la préméditation. Nous sommes au temps de la préméditation et du crime parfait. Nos criminels ne sont plus ces enfants des armes qui invoquaient l'excuse de l'amour. Ils sont adultes, au contraire, et leur alibi est irréfutable: c'est la philosophie qui peut servir à tout, même à changer les meurtriers en juges.

Heathcliff, dans les *Hauts de Hurlevent*, tuerait la terre entière pour posséder Cathy, mais il n'aurait pas l'idée de dire que ce meurtre est raisonnable ou justifié par un système. (...) Mais à partir du moment où, faute de caractère, on court se donner une doctrine, dès l'instant où le crime se raisonne, il prolifère comme la raison elle-même, il prend toutes les figures du syllogisme. Il était solitaire comme le cri, le voilà universel comme la science. (...)». (ALBERT CAMUS, «*l'Homme Révolté*», Gallimard, Paris, 1951, p. 113).

mente marcados e opostos quanto ao alcance ético, gnosiológico e histórico de cada um dos seus potenciais desenvolvimentos *extremos*. De certa forma «paradigmáticos» ⁽²⁶⁾, pois revelam o *ponto de fuga* para que tendencialmente aponta o filosofar, parecem não abrir espaço a modalidades alternativas de reflexão*

Todavia, o próprio *limite* para que tendem, ao dilacerar a atitude filosófica para regiões que confinam com o «não-ser» (por defeito e por excesso), deixa aberto uma espécie de terreno intercalar, local devastado na saturação das «vozes» que por lá passaram, mas consentindo ainda uma *hipótese de pensar* como se fosse a primeira vez ⁽²⁷⁾. Trata-se de aceitar, por um instante que pode durar uma vida, a ilusão de que nos está destinado um tempo onde *coisas novas* se abrirão debaixo do Sol e de que nada impede de sermos escolhidos pelos deuses do acaso.

Naturalmente, tudo isto é um jogo, entenda-se. Mas entenda-se também que *um jogo tem regras*, como espaço cósmico que é. Logo, num certo sentido nada há de mais sério que correr esta aventura e, com indisfarçável prazer, refazer a viagem imemorial ao mais íntimo de nós.

De filosofar se trata, uma vez mais. Mas, no presente, o espaço em que tal se torna possível está repleto pela multidão de signos que uma longa história foi depositando nos livros e instituições que concretizam o labirinto que todo o pensamento se vê compelido a atravessar. E, se a reflexão filosófica habitar um «corpo» que não é o dum funcionário cumpridor, porque sim, de regras que não discute, nem o dum «iluminado» sem alternativa, o confronto com essa panóplia de informação acumulada é uma batalha decisiva. Porque, perante ela, não se trata simplesmente de dizer sim ou não, na tentativa de tudo afirmar ou tudo negar.

O importante é saber escolher a plataforma de posicionamento que dê margem, no breve intervalo de lucidez que uma vida hu-

⁽²⁶⁾ Há, naturalmente, um número indeterminado de posturas face ao filosofar. O que aqui se pretende é, dum ponto de vista pessoal, sugerir *três zonas de intersecção* para as quais tendem, duma forma exemplar, essas diferentes modalidades.

⁽²⁷⁾ Isto é, tentar assumir com a autenticidade possível uma postura autónoma de reflexão, *como se de nós* dependesse o momento zero da Filosofia. É, por conseguinte, um estado de desconforto e de solidão do pensamento. E também uma grande nostalgia da Escola de Mileto!!...

mana permite, a um pensamento que não sacrifique o essencial do filosofar ⁽²⁸⁾. Por consequência, é um pensar que não se pode evadir do «conflito das interpretações» e que deve, com risco, ser capaz de determinar o «timing» dum discurso que visa a «autonomia», isto é, de inscrever a *sua marca* para lá da inventariação das viagens que outros fizeram.

O grande risco desta atitude é a repetição e a redundância que, a reconhecer-se, deve ser encarada como um risco inscrito na regra do jogo. Mas não há alternativa, pois a acumulação de informação disponível para a mais obscura região do saber é de tal maneira incomensurável que qualquer tentativa de a *esgotar* como acto propedêutico ao pensar, condenaria à partida toda a virtualidade criativa da atitude filosófica. Por conseguinte, a Filosofia e o filosofar, pautados pelas perguntas de sempre, devem atravessar permanentemente a História da cultura e das civilizações, o discurso científico e estético, com o objectivo último de neles encontrar os «sinais» que contribuam para colmatar o deserto metafísico instaurado por Prometeu e Sísifo ⁽²⁹⁾.

O pensamento deve aceitar esta «peregrinação» como dever irrecusável, mesmo vendo-se condenado ao silêncio, ao erro, ou ao anonimato. É rigorosamente aqui que se concretiza uma outra estratégia do filosofar.

A pergunta parece inocente e deslocada mas, apesar de tudo, talvez não seja inútil! *Como filosofar, hoje?* Isto é, como pensar as eternas perguntas quando tudo parece já feito, nada mais restando do que procurar a resposta inscrita algures na «montanha mágica» do «espírito objectivo»!

⁽²⁸⁾ Será necessário repetir que o essencial do filosofar é a estruturação articulada entre uma Cosmologia, uma Antropologia, uma Ética e uma Meta física? Logo, a tentativa de organizar um *espaço de coerência* entre o Universo, o Homem, a Acção e o Sentido!

⁽²⁹⁾ A autonomia do homem face aos deuses paga-se caro! Prometeu é agrilhado ao Cáucaso e Sísifo repete eternamente um trabalho condenado a um fracasso sem esperança. A Filosofia e o pensamento em geral ao suspenderem ou ao distanciarem-se das grandes explicações mítico-religiosas recebem como contrapartida um presente amargo mas irrecusável: ficam com a *presença dum ausência!* E passarão os séculos dos séculos a tentar preencher esse Vazio incomensurável.

Antes de mais, uma persistência sem precipitação no que res-
peita ao essencial, isto é, ao *núcleo duro* inscrito no problema das
origens, desde a dimensão cosmológica até à metafísica, passando
pela vertente antropológica e ética. Não esquecer que toda a infor-
mação, todo o ciclo de perpétua aprendizagem deverá ser *sistemat-
icamente re~ordenado* em função do objectivo estratégico prioritário
que instituiu originariamente o filosofar ⁽³⁰⁾,

A primeira consequência que daqui decorre leva a um distan-
ciamento crítico face aos arquétipos interpretativos implantados
na «circunstância», contribuindo para a instauração dum sentimento
de *fragilidade* face a um saber até então marcado pela evidência
das luzes da ribalta, O reino das «certezas» torna-se fluido na
consciência do abismo que separa o secundário do essencial, uma
certa instabilidade inscreve-se no plano dos «juízos» ⁽³¹⁾ que,
com progressiva desconfiança, um *filosofar defensivo* continuamente
produz.

Aqui se estabelece uma bifurcação que deve ser encarada com
prudência uma vez que, desprovido dum efeito de *distanciamento
metódico*, o filosofar facilmente instaura mecanismos de «retro-
acção» sobre o sujeito psicológico, desgastando os referentes axio-
lógicos usuais sem simultaneamente os substituir por uma alternativa

⁽³⁰⁾ Naturalmente, esta dimensão é plenamente compatível com a pro-
fissionalização da Filosofia mas, necessariamente, não se identifica com ela.
Pode, muito simplesmente, ser-lhe exterior, como se sugeriu no conceito de *pensar-
flutuar**

⁽³¹⁾ «(...) Pourtant toute la science de cette terre ne me donnera rien
qui puisse m'assurer que ce monde est à moi. Vous me le décrivez et vous
m'apprenez à le classer. Vous énumérez ses lois et dans ma soif de savoir je
consens qu'elles soient vraies. Vous démontez son mécanisme et mon espoir
s'accroît Au terme dernier, vous m'apprenez que cet univers prestigieux et
bariolé s'fâ réduit à ratome et que l'atome lui-même se réduit à Félectron.
Tout ceci est bon et j'attends que vous continuez. Mais vous me parlez d'un
invisible système planétaire ou des électrons gravitent autour d'un noyau, Vous
m'expliquez ce monde avec une image. Je reconnais alors que vous en êtes
venus à la poésie: je ne connaîtrai jamais. Ai-je le temps de m'en indigner?
Vous avez déjà changé de théorie* Ainsi cette science qui devait tout m'pprendre
finit dans rhyothèse, cette lucidité sombre dans la métaphore, cette incertitude
se résout en oeuvre d'art. (...)»♦ (ALBEIRT CAMUS, «*Le Mythe de Sisyphe*»,
Gallimard, Paris, 1942, p. 35).

ética e metafisicamente equivalente ⁽³²⁾. Trata-se, portanto, de assumir a vertente lúdica, contornando o vórtice subjacente a este patamar instável do filosofar.

Mesmo assim, a estabilidade íntima que decorria da firmeza dum sistema de valores «pré-crítico» ⁽³³⁾, não se revela imune ao caminho *necessariamente confitual* inerente ao cruzamento numa consciência finita da multiplicidade contraditória dos «discursos--com-sentido». Instaura-se, portanto, um espaço onde é dominante a sensação duma fragilidade generalizada das interpretações quando se confrontam com o essencial dos porquês da Filosofia, sentimento que atravessa duma forma evidente quer o campo das Ciências Humanas, quer o das Ciências Exactas ⁽³⁴⁾.

A plataforma estratégica onde se propõe localizar este tipo de atitude filosófica vê-se compelida a distender o pensamento em direcção às questões-limite mas, quase sempre, recebe como resposta a complexificação do problema inicial na altura mesma em que julgava aproximar-se dum ponto de viragem. Ao *pensar** - *ampliar*, o filosofar inscreve-se num vai-vem de que se não vis-

⁽³²⁾ Esta é uma situação singularmente análoga à dos pressupostos que justificam, no pensamento cartesiano, a manutenção duma moral provisória. «(...) ainsi, afin que je ne demeurasse point irrésolu en mes actions pendant que la raison m'obligerait de l'être en mes jugements, et que je ne laissasse pas de vivre dès lors le plus heureusement que je pourrais, je me formais une morale par provision, qui ne consistait qu'en trois ou quatre maximes dont je veux bien vous faire part (...)». (RENÉ DESCARTES, «Discours de la Méthode», Flammarion, iParis, 10117, p. 166)«

⁽³³⁾ Entenda-se, do conjunto de crenças naturalmente assumidas por uma via educativa e que fornecem os princípios orientadores para a inserção no Quotidiano. Estes são, por um longo período, aceites com uma evidência análoga à das percepções sensitivas, uma vez que acompanham o crescimento intelectual e afectivo como se fossem *entes naturels*.

⁽³⁴⁾ A propósito da «perturbação» que invade sectores de ponta do saber actual, sugere-se a consulta das obras de Raymond Ruyer, «La Gnose de Princeton» (Fayard, Paris., 1974) e «Science et Conscience. Les deux lectures de l'Univers» (Stock, Paris, 1980).

Os títulos de alguns capítulos e comunicações de um e outro livro são, por si mesmos, significativos. («Les acclades domaniales et les holons»; «Un bruit de fond originare ne peut créer la parole»; «Lu théologie néo-gnostique»; «Le Tao de la physique»; «Le chat de Schrodinger et l'imagination»; «La neurocybernétiqne du comportement humain à la lumière du silence de la pensée de rhésychasme», etc, etc).

lumbra o fim, envolvendo a dialéctica do conhecimento e da acção num clima indefinido, instável, mutante.

Perde-se a todo o momento aquilo que mais se deseja e o sentido do quotidiano e da história esvai-se pelas fendas que vão dar a *sttio-nenhum*. É, portanto, o tempo de conviver com uma inquietação indefinida que atravessa o quotidiano supérfluo onde as coisas acontecem no encontro consensual entre sujeitos-cúmplices abandonados à deriva no oceano do Tempo. Então, o filosofar desdobra-se sobre uma rede tensa, por vezes no limiar da incomodidade, quando cresce a suspeita que o insondável que nos habita pode ter nascido do logro mais humano de todos: o *desejo dum sentido* que explique «in extremis» o espaço insólito da nossa humanidade.

No jogo da Filosofia as derrotas acumulam-se, mas também é verdade que o *prazer* do pensamento que tudo desafia reside *naquele instante mágico* em que uma nova constelação de ideias se ergue no imprevisível imaginário e, intimamente, encontramos um contentamento para além de toda a amargura.

V. Moral Provisória I

«A coisa mais beta é a justiça: a melhor é ter saúde.
E a coisa mais aprazível é ter o que se deseja.».

TEÓGNIS de Mégara (séc. VI-V A.C.)

Da reflexão já feita decorrem, naturalmente, consequências. Se a racionalidade que atravessa a Filosofia e a Ciência é, de certo modo, *desenraizada* enquanto produtora de sistemas explicativos que são o rosto visível do património cultural das civilizações, também a Razão como faculdade autónoma é uma pura ilusão metódica⁽³⁵⁾. Resulta duma operação indutiva que isolou «in-vitro»

(35) Entenda-se esta afirmação no seu sentido estrito, isto é, *na exponenciação da importância* que tal parâmetro do espírito humano adquiriu nos sistemas interpretativos dominantes pós-cartesianos. Foram precisos mais de dois séculos para uma reabilitação do significado das «paixões da alma», com o pensamento freudiano e os seus sucedâneos. Mesmo assim, este ponto de vista não se liberta, «in extremis», dum racionalismo exacerbado, uma vez que os processos terapêuticos estão intimamente ligados à Razão que se institui como o fármaco por excelência. É por uma espécie de «iluminismo psicanalítico» que a «luz» da Consciência neutraliza as «viroses» do *Id»U*

um *segmento espectacular* da máquina humana, colocando-o num patamar modelar que perverte a sua função «instrumental» numa sucessão organizada de equívocos.

Mesmo com o risco da banalidade, vale a pena recordar que o poder da racionalidade não está ao serviço de *si* mesmo como *máquina* cuja única função seria a produção de transfinitos replicantes (duplos) ⁽³⁶⁾, mas antes deve ser assumido como um «conector» que divide e re-agrupa em imagens provisórias o caleidoscópio do Mundo. O seu posicionamento ideal na arquitectura transcendental da consciência não pode deixar de visar um «saber mais», submetido ao objectivo axiológicamente mais valioso de «viver melhor». Porém, sendo a Razão o instrumento que directamente parece ser o responsável pelos dons mundanos que fazem correr as civilizações actuais, rapidamente se instala um erro de paralaxe na apreciação da sua importância relativa.

O que um filosofar sistemático não tarda a descobrir é que as Ciências e as Tecnologias recobriram a epiderme do mundo com *placas de Sentido* meramente regionais, sobre as quais febrilmente laboram legiões de «construtores» que tentam *impermeabilizar* o quotidiano do imenso silêncio envolvente. Aqui reside a condenação dum filosofar que não sacrifique o essencial, esse sistemático «*Sim! Mas...*» que por toda a parte irrompe nos interstícios da condição humana. É o momento do recolhimento e da consciência dos limites, encontro paradoxal entre um Pensamento e um Corpo atravessados por uma sucessão de instantes nos quais a memória e o desejo desenham a face do Tempo.

Por tudo isto, o filosofar envolve riscos quando falham os equilíbrios entre a pulsão de compreensão que o move e o enquadramento antropológico individualizado no qual, momentaneamente, vive. É então necessário atender à voz duma sabedoria mais flexível que sugere uma retirada para regiões de clima mais temperado,

⁽³⁶⁾ É interessante referir que sendo o campo científico-tecnológico a expressão mais valorizada, em termos pragmáticos, das virtudes racionalistas, seja ele que concretiza a desmultiplicação de objectos *equivalentes* e estandardizados provenientes das sucessivas «revoluções industriais». Neste sentido, a Razão tem horror ao «particular» e a tudo aquilo que não é redutível a uma *classe integradora*. Por isso existe a tentação esclavagista nas Utopias, na sistemática persistência com que pretendem encarar os homens como «objectos», isto é, como *entes equivalentes*.

afastando do limiar do abismo uma consciência e um corpo que têm o *dever* de sobreviver. Fica então ao dispor, como espaço residual, um filosofar *prudente*, que observa com um certo distanciamento cinematográfico as notícias que vão chegando do «deserto dos Tártaros»! ⁽³⁷⁾.

A tensão que o jogo do filosofar comporta não é suportada por uma consciência que atravessa as desventuras da História, isto é, por um *corpo integral* que nasce, vive e morre. O jogo do pensamento, na sua inocência e na sua crueldade exige uma espécie de *forma ideal*, no sentido quase desportivo da expressão! Paixão pelo risco, coragem, um certo desprendimento, persistência, desenhavam parte do perfil da Filosofia.

Uma vida humana normal não dispõe destas benesses por muito tempo e, em regra, quando verdadeiramente as possui, não se apercebe da sua real existência. É no princípio da sua ausência, naquele momento em que o «daimon» dum pensamento ágil começa a anunciar o rejeito de partir, que cresce a lucidez e *se percebe* com um misto de amargura e encanto o *efectivo centro* de nós. Ítaca parece agora nítida no horizonte, mas a vontade de viajar, de passar noites ao relento, é cada vez mais sinónimo de desconforto. A Razão olha o relógio. E é tarde.

VI. Moral Provisória II

«Cessai de cogitar, o abismo não sondeis.»

CAMILO PESSÂNHA, «Clépsidra»

Há, portanto, em tudo isto, situações desagradáveis ou, no mínimo, pouco lisonjeiras. Região onde emergem as nossas inca-

⁽³⁷⁾ «(...) Enquanto não anoiteceu, Giovanni ficou a observar a planície setentrional. Da fortaleza só tinha podido ver um pequeno triângulo, porque os montes que estavam em frente tapavam o resto. Mas agora podia abrangê-la toda com o olhar, até aos limites extremos do horizonte, onde pairava a habitual barreira de névoa. Era uma espécie de deserto, salpicado de rochas, com manchas de moitas cheias de pó aqui e além. À direita, lá muito ao fundo, uma faixa negra bem podia ser uma floresta. Aos lados, ásperas cadeias de monta-

pacidades, os defeitos, a *consciência da distância* entre aquilo que gostaríamos de ser e efectivamente somos, é aí que *temos* de permanecer. Trata-se, por conseguinte, de equilibrar no plano do quotidiano uma *medida* que mantenha a dignidade da aspiração que há milénios faz correr a Filosofia. Quer dizer, planejar com antecedência uma retirada que impeça o ridículo de nos confrontarmos com um Pensamento titubeante, esbracejando no meio da confusão, a troco de duas linhas num jornal ou do aplauso enfatizado de meia dúzia de comparsas.

Por tudo isto, ensinar filosofia pode ser uma outra paixão. Espaço que resta quando o exercício do filosofar mais impiedoso leva ao reconhecimento de que se está a cair no domínio da *repetição* ou da redundância, ou quando a disposição mental e as energias combativas não suportam a aridez das terras de ninguém do Pensamento.

Então, resta o encanto de transmitir. Não só aquilo que se sabe mas, como diria Roland Barthes, aquilo que se ignora ⁽³⁸⁾. Isto é, os espaços estranhos, as quase-ideias aquém (além?!) da Linguagem, a tensão que antecede uma constelação sugestiva no limiar do enigma, a sensação de descoberta que por vezes uma frase, um parágrafo apenas, consente trazer à luz do dia. Tudo isto disseminar, tentar dizer. Empurrar outros para a «viagem» enquanto é tempo, fazendo-o com a convicção e tranquilidade de quem assume os seus limites.

nhãs» Havia algumas belíssimas com intermináveis paredes cavadas a pique e os cumes brancos, cobertos pelas primeiras neves outonais. Mas ninguém fazia caso delas; todos, Drago e os soldados, tinham tendência para olhar instintivamente para o Norte, para a planura desolada, sem sentido e misteriosa. (...)»• (DINO BUZZATI, «O *Deserto dos Tártaros*», tradução do italiano por Fernando Moreira Ferreira, Europa-América, Lisboa, '1963, p. 11119-1120).

⁽³⁸⁾ «(...) Há uma idade em que se ensina o que se sabe; mas surge em seguida uma outra em que se ensina o que se não sabe: a isso se charruai *procurar*. Chega agora, talvez, a idade de uma outra experiência: a de *desaprender*, de deixar germinar a mudança imprevisível que o esquecimento impõe à sedimentação dos saberes, das culturas, das crenças que atravessamos. Essa experiência tem, creio eu, um nome ilustre e fora de moda que ousarei aqui arrebatrar, sem complexos, à própria encruzilhada da sua etimologia. *SAPIENTIA*: nenhum poder, um pouco de *saber*, um pouco de *sabedoria* e o máximo de *sabor* possível». (ROLAND BARTHES, «*Lição*», tradução do francês por Ana Mafalda Leite, Edições 70, Lisboa, 19719, p. 41-42)..

Neste sentido a História da Filosofia é o princípio e o fim da Filosofia, Sem a assumir como *propedêutica*, o filosofar dificilmente se liberta da inconsistência dum acto episódico e incontrolado, mas também se dela se não desprende, está condenado a um «treino» intensivo que jamais será posto à prova.

Porque a História da Filosofia não é, obviamente, a História dos historiadores da Filosofia, Quando muito há eventuais cruzamentos entre esses dois registos culturais numa ou noutra personalidade que conseguiu ligar na sua vida e obra aquilo que, a partir de certa altura, são parâmetros contraditórios, A História da Filosofia está para a Filosofia como a História da Arte está para a Arte, De certo modo, o abismo que distingue a *autonomia* do acto de filosofar da sabedoria adstrita à História da Filosofia é análogo ao que separa o «criador» do «crítico de Arte», Assim como a *razão de ser* deste só se explica pela prioridade ontológica daquele, também a historiografia filosófica depende da precedência criativa de todos os que apostam numa concepção problemática do filosofar e, contra toda a prudência, *arriscam respondeu*

Naturalmente, o terreno é escorregadio. As «leis» que gerem estes fenómenos comportam demasiadas excepções e quase nunca se sabe quando se atravessa confiante o «princípio de Peter»... Nada há de mais cruel, no domínio do pensamento, do que o esbracejar megalómano da banalidade, o momento em que um espírito está convencido de voar alto quando está simplesmente em bicos de pés!!

O problema é não poder adivinhar o Futuro, Seria sem dúvida preferível um razoável habitar da História da Filosofia a um medíocre simulacro do filosofar. Mas há um ponto a partir do qual este preceito de nada me serve, A não' ser como perpétua ameaça que um dia arrasará, como de há muito suspeitava, as derradeiras árvores dos jardins de Epicuro,

Levi António Malho

RESUMO

«ESTRATÉGIAS»

O que este ensaio pretende é tomar consciência dum certo mal-estar que atravessa, por vezes, os profissionais de Filosofia. Num mundo saturado de informação, como se pode filosofar, isto é, pensar os problemas de sempre (cosmológicos, antropológicos, éticos e estéticos) no estreito caminho entre a banalidade, a erudição e o pensamento inovador? Como escolher?

Sugerem-se três estratégias possíveis: *Pensar-flutuar* (o reino da boa-consciência profissional); *Pensar-deslocar* (a reflexão como paixão ilimitada); *Pensar--ampliar* (filosofia como inquietação e consciência dos limites).

«ABRÉGÉ»

«STRATÉGIES»

Ce que cet essai prétend c'est de prendre conscience d'une certain malaise qui traverse, parfois, les professionnels de Philosophie. Dans un monde saturé d'information, *comment peut-on philosopher*, c'est-à-dire, penser les problèmes de toujours (cosmologiques, anthropologiques, éthiques et esthétiques) dans l'étroit chemin parmi la banalité, l'érudition et la pensée innovatrice? Comment choisir?

On suggère trois stratégies possibles: *Penser-flotter* (le royaume de la bonne-conscience professionnelle); *Penser-déplacer* (la réflexion comme passion illimitable); *penser'-amplifier* (la philosophie comme inquiétude et conscience des limites).

«ABSTRACT»

«STRATEGYS»

This essay pretends to be aware of a certain illnese which crosses, sometimes, the Philosophy professionals. In a world saturated with information, *how can one philosophize*, that is, think on the eternal problems (cosmological, anthropological, ethical and aesthetical) in the narrow trail amongst banality, erudition and innovator thinking? How to choose?

Three possible strategys are suggested: *Floating-thoughti* (the kingdom of good professional conscience); *Displacing-thought* (the thought as a limitless passion); *AmpUfyng-thought* (the philosophy as anxiety and conscience of limits).